

Memórias e Afetos

# Biografia

## Zélia Gattai, a Bem-Amada



AURORA SIMÕES DE MATOS  
www.raizdexisto.blogspot.com

teiro, alma lavada e mente aberta à delícias dos pequeninos-grandes momentos da intimidade que ela criava, como só ela sabia criar.

Com a maior dedicação, por detrás, mas nunca na sombra (nem Amado o consentiria), Zélia seguiu o grande escritor por todo o lado. Apoiando-o, preparando-lhe

e alisando-lhe os caminhos, levando-lhe o carinho e a estabilidade emocional de que necessitava, oferecendo-lhe generosamente o colo em que podia repousar dos seus cansaços. Um amor que durou 56 anos.

Para Zélia, escreveu Jorge Amado:

Dá-me a tua mão de convívio,  
Vamos viver o tempo que nos resta,  
tão curta a vida!  
na medida do nosso desejo,  
no ritmo do nosso gosto simples,  
longe das galas, em liberdade e alegria,  
não somos pavões de opulência  
nem gênios de ocasião  
feitos nas coxas das apologias,  
somos apenas tu e eu,  
Sento-me contigo no banco de azulejos  
à sombra da mangueira,  
esperando a noite chegar  
para cobrir de estrelas teus cabelos.  
Zélia de Euá envolta em lua:  
dá-me tua mão, sorri teu sorriso,  
me rejubilo no teu beijo,  
laurel e recompensa.  
Aqui, neste recanto do jardim,  
quero repousar em paz  
quando chegar a hora,  
eis meu testamento.

E Zélia, com a espontaneidade que a caracterizava, orgulhosa do seu amor, marido e companheiro de uma vida:

"Jorge deu-me a mão e conduziu-me por mundos os mais distantes, os mais estranhos, os mais fantásticos."

Durante semanas e meses, haverei de pesquisar, consultar, ler, ouvir, tomar notas, trocar impressões, entrevistar sobre o tema, consultar bibliotecas, abrir e fechar livros e cadernos de notas, pensar, sonhar, organizar, concluir.

Durante semanas e meses, haverei de escrever, riscar, rasgar, voltar a escrever, aproveitar o silêncio das noites, pensar e sonhar outra vez. Fácil foi descobrir uma Zélia que nunca se escondeu. Ela está ali toda inteira, nos seus livros. Difícil será reinventar outra Zélia por detrás daquela que se

me afigura nas entrelinhas.

Qualquer um poderá apaixonar-se por ela, colocá-la num pedestal, fazer dela uma heroína. É que ela é, de facto, uma heroína dos tempos modernos, a Mulher que todas as mulheres gostariam de ser: bonita e vistosa, alegre e viva, bem-humorada, inteligente, culta, independente, bem relacionada, saudável de corpo e de espírito, com desafogo económico e, sobretudo, uma Mulher bem-amada...

Nenhuma parte da sua vida ficou por viver. E por isso, com a minha admiração e o meu respeito, sinto já saudades dela. Das noites silenciosas em que, lendo-a, a fui descobrindo, como se o meu mundo fosse feito daquele silêncio desenhado na noite. Como se o meu tempo só naquele silêncio pudesse sentir a intimidade desta descoberta.

O telefone toca. É um fim de tarde qualquer e, à porta de casa, despeço-me de uma visita. Por isso, não atendo de imediato. Mas o telefone insiste. Olho para o ecrã e não reconheço o número daquele emissor. Hesito entre atender e prolongar a despedida. Mas o telefone insiste, como se aquela urgência fosse maior que todas as esperas.

Atendo. É um convite. Uma surpresa. Escrever para a Lusofonia? Escrever sobre Zélia Gattai?! Mas... mal a conheço... Sei que é brasileira, escritora, mulher e mãe, mas sobretudo a companheira de uma vida – a de Jorge Amado, uma das maiores vozes da literatura mundial do século XX. Mal a conheço... e apesar disso...

Escrever sobre Zélia Gattai?! Será uma honra para mim. Não hesito um segundo. Sim, aceito o convite e aceito a confiança e a oportunidade de, à distância do tempo e do espaço, entrar na vida desta Mulher que certamente ficarei a conhecer bem melhor.

Adormeço naquela noite e acordo dela, a pensar em Zélia e no trabalho que me espera.

Consulto a Internet. Notas biográficas soltas e repetidas, que me dizem o essencial. Mas necessito de mais, muito mais. Corro as livrarias. A maior parte da sua obra está esgotada, sem sinais de reedição. Não desisto.

Percorro bibliotecas públicas e particulares. Um amigo traz-me dois livros, que encontrou no Brasil. Pergunto, pesquiso, avalio, deixo-me fascinar e apaixono-me. Pela sua obra, mas principalmente pela sua personalidade. Pela sua vida que, a partir de certa altura, deixou de ser apenas a sua vida, para ser também a vida do seu amor.

Pelas leituras que faço da sua Obra – e vários dos seus livros são livros de memórias – apercebo-me da energia vital da minha nova heroína. Do seu modo de sentir e de pensar. Da vivacidade contagiante com que se exprime. Da sua capacidade de entrega a grandes causas. Da sua vontade de aprender e de compreender os mistérios da vida e da morte. Da sua vontade em valorizar ao máximo os seus conhecimentos, no empenho diário por um crescimento de grande nível, nas diversas áreas do crescimento humano. Apercebo-me da naturalidade com que, no Brasil, na Europa e no Mundo, se integra nos ambientes da alta intelectualidade das letras e das artes, das sociedades que a recebem com o maior respeito, dos salões onde se movimentam os nomes mais sonantes de uma época, no planeta global.

E simultaneamente, dou-me conta da simplicidade no quotidiano desta Mulher-mãe, desta Mulher-dona de casa, desta Mulher-amiga, desta Mulher-esposa, desta Mulher-cidadã de corpo in-

## Sé

### II - Fonte do Rocio



Nesta curiosa e rara imagem, do lado direito na parte inferior, vemos a "Fonte do Rocio", que na primeira metade do Séc. XVI, D. Manuel de Noronha mandou edificar nesta artéria, conduzindo para ela água do monte de Santo Estevão.

São poucas as informações que tenho sobre esta fonte, muito embora nunca lhe tenha dado grande importância, nem tenha tentado obter mais dados do que aqueles com que ocasionalmente me cruzo.

Na obra de D. Joaquim de Azevedo, a "História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego", que embora tenha sido editada em 1877, foi manuscrita muitos anos antes encontramos a seguinte referência, na biografia do referido bispo: "No Rocio, ou terreiro do Paço Episcopal, mandou fazer um formoso tanque de mármore com duas taças e quatro bicas, conduzida para ele a água de diversas partes do monte de Santo Estevão com muita despesa".

Pela atenta análise da imagem em questão, não vemos que o dito "tanque" seja de mármore, nem de ter "quatro bicas", mas como a definição da imagem não é a melhor e como se sabe do Séc. XVI para o início do Séc. XX, data desta fotografia, muito se poderia ter alterado.

O que me parece importante realçar é que esta fonte seria uma das mais antigas e certamente a de maior dimensão que Lamego já teve quer em largura quer em altura.

Também não se sabe quando foi removida ou mesmo destruída, ou até quem sabe possa ter sido alterada e dado origem a uma das existentes. Já quanto ao porquê deste monumento ter sido removido deste local, não temos dúvida que teve a ver com a cobertura do rio Coura e posteriormente com a "requalificação" de toda esta zona, no tempo em que o Dr. Alfredo de Sousa foi presidente do município.

Foi um dano irreparável a perda deste monumento, que podia muito bem estar noutra artéria da cidade, tornando Lamego ainda mais rico e mais monumental.

Fernando Cabral

Armamar

## Universidade Sénior promove tarde cultural

Na tarde de, 5 de janeiro, teve lugar no Salão Paroquial de Armamar um espetáculo preparado pelos alunos da Universidade Sénior de Armamar (USA), um projeto criado em novembro do ano passado e que envolve a autarquia local e a associação dos trabalhadores da Câmara Municipal.

Entre os presentes para assistir ao espetáculo estiveram Hernâni Almeida, Presidente da autarquia, e o Dr. Luis Jacob, Presidente da RUTIS, Rede das Universidades de Terceira Idade.

O programa, rico de cultura popular referente à quadra natalícia, compôs-se de uma revista à portuguesa, de um cântico de natal em língua inglesa, note-se que a aprendizagem do inglês consta da oferta formativa da USA, e um Auto de Natal.

Aos alunos da terra juntaram-se ainda os alunos convidados da Universidade Sénior Rotary de Valongo que trouxeram música com os Cantares ao Menino e dramatizaram o conto Suave Milagre, de Eça de Queirós.

**jornal do douro**  
E-mail: geral.jornaldodouro@sapo.pt  
Telf.s: 254 313 059